

junho/2025

Revista **Verlidelas**

edição n° 56

entrevista
**RENATO
ALVES**

ESPECIAL
Revista literária
une imortais
e vozes atuais

POESIA
Clima de
aconchego

**MACHADO
em versos**
Quando um
clássico poético
ganhou melodia

junho/2025

edição nº 56

Sumário

ENTREVISTA ... 03

Renato Alves

POESIA ... 11

Aconchego

Cláudia Cardoso

ESPECIAL ... 12

**SerEsta – Uma jornada entre
clássicos e novas vozes**

Sergio Carmach & Luzia Barbosa

POESIA ... 20

Suave mari magno

Machado de Assis

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:

•Sergio Carmach

Editora assistente:

•Luzia Barbosa

Revisão, diagramação e arte:

•Sergio Carmach

Agradecimentos:

•[ALEGRIA DE VIVER E AMAR O QUE É BOM](#)

•[PODLETRAS](#)

•[REVISTA SERESTA](#)

contato@verlidelas.com

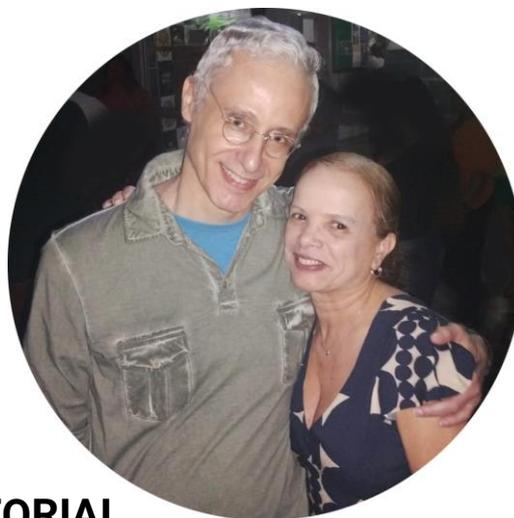
www.verlidelas.com

www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora

CNPJ 27.850.067/0001-71

Rio de Janeiro/RJ



EDITORIAL

Nesta edição, olhamos a literatura sob o foco de duas lentes especiais: a da memória e a do afeto. Com elas, tudo ganha outra espessura – as histórias se mostram revestidas de lembrança e encanto, os poemas se tornam abraço e até os clássicos parecem sussurrar em voz mais próxima.

Começamos com a entrevista de Renato Alves, escritor que transforma velhas recordações em lar. Fazendo da cidade onde cresceu um estado de alma, ele nos conduz por ruas antigas, amizades eternas e sabores intimistas, além de compartilhar outras experiências que marcaram sua trajetória. Na companhia do autor, percebemos que a memória é capaz de preservar não apenas os fatos, mas também os cheiros, os sons, os silêncios e as emoções que acompanharam cada acontecimento.

Na poesia “Aconchego”, de Cláudia Cardoso, as palavras se acomodam como uma manta sobre os ombros, daquelas que não queremos tirar mesmo quando o sol já voltou. É um poema que fala baixo, mas toca fundo; e lembra que às vezes o essencial não precisa ser grandioso, só sincero.

Em seguida, homenageamos a revista SerEsta, uma publicação que surgiu entre alunos e hoje floresce como um verdadeiro oásis literário – gratuito, colaborativo e surpreendentemente profundo. A cada número, um autor clássico é celebrado com delicadeza e inventividade. Casimiro de Abreu, por exemplo, empresta à [edição nº 15](#) sua poesia e toda uma atmosfera: um romantismo que evoca infância, pátria, saudade... Na matéria sobre a SerEsta, além de contarmos a história da revista, que nos entrevistou em um gesto de acolhida, aproveitamos para reverenciar Casimiro com imagens do lugar onde nasceu o poeta (as atuais foram feitas por nós mesmos, já que frequentamos aquela região há décadas).

Encerramos com um clássico: “Suave mari magno”, de Machado de Assis. O poema – incômodo e com ecos de Schopenhauer – é revisitado com um olhar contemporâneo, revelando como sua filosofia e sua mensagem contra a falta de compaixão atravessam o tempo – e até dialogam com o rock brasileiro, numa inusitada ponte entre o século XIX e a cultura pop dos anos 80/90.

Esta edição é um convite para visitarmos nossas próprias lembranças, e para acolhermos as dos outros; ela serve para nos lembrar que literatura também é uma forma de guardar com beleza o que o tempo não leva.

Boa leitura!

Sergio Carmach e Luzia Barbosa

VERLIDELAS

Por trás dos livros que misturam sabor, afeto e lembrança, está um autor que se define antes de tudo como leitor. Leitor de poesia, filho de uma mãe que declamava versos de cor, habituado a espalhar sonetos pelas calçadas, bares e serenatas. Memorialista por vocação e por afeto, ele fez da palavra uma forma de eternizar pessoas, lugares e encontros que marcaram sua trajetória. Com quatro livros publicados – “O trivial variado de Madame C – memórias gastronômicas e sentimentais”, “Clóvis Leite – memórias do talento invulgar”, “Confesso que comi – memórias dos sons, cores e sabores dos botequins” e “Nação das Águas – memórias dos encontros nas calçadas”, escrito a quatro mãos com o amigo de infância Alfredo de Oliveira – o autor acredita ter encerrado um ciclo. Um ciclo em que resgatou não só vivências pessoais, mas também parte da história afetiva de uma cidade inteira: Quatis, no interior fluminense. Na entrevista a seguir, ele fala sobre o reencontro com a poesia, o prazer de narrar o cotidiano, o processo de escrever em parceria e a importância das amizades que atravessam o tempo. Uma conversa guiada pela memória – e pela certeza de que contar os momentos vividos também é um ato de generosidade.

RENATO ALVES



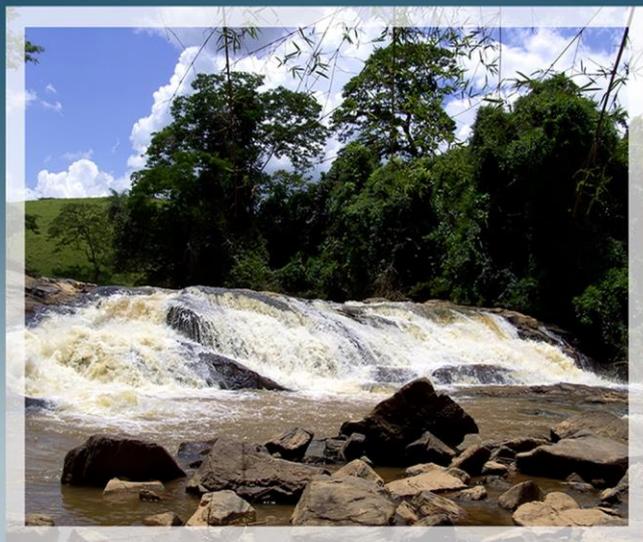
Como foi sua trajetória na escrita e o que o levou ao gênero memorialista?

Na verdade, considero-me muito mais um leitor do que autor; leitor prioritariamente de poesia. Minha mãe sabia centenas de poemas de cor, dos românticos em primeiro lugar: Castro Alves, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e por aí vai. Peguei o jeito de decorar e vivia declamando na rua, nos bares, nas calçadas e, mais tarde, nas serenatas com o Alfredo e o Fábio (veja a seção Especial na edição nº 55 da revista), voz e violão — e eu incluía, quase sempre, um soneto do Vinicius de Moraes. Comecei a escrever poesia ainda na infância, mas descartava versos por haver desenvolvido uma autocrítica severa, baseada no conhecimento que ia adquirindo com a leitura dos grandes poetas. Uma longa elipse de quarenta anos se passou, até 2003, quando me aposentei. A partir daí, fui colecionando fatos e momentos que vivi em oito cidades de quatro estados, incluindo a fundação de bares com ênfase na Gastronomia e na Música Popular Brasileira. Escrevi quatro livros de memórias contando as experiências à beira do fogão e relembrando os muitos momentos vividos ao lado de amigos — tanto na minha casa quanto nas mesas e balcões de bares espalhados pelo país. Agora, com a ajuda da IA, voltei aos versos, com uma abordagem moderna, fruto do mergulho na obra dos grandes autores da poesia universal, inclusive um que não conhecia, Allen Ginsberg. É preciso dizer que um dos motivos que me levaram a me envolver, de novo, com a poesia foi uma viagem que fiz, em janeiro de 2014, a Prados, no sul da Bahia, na companhia de meu filho Francisco, quando ele me apresentou a Alejandro Jodorowsky. Depois vieram as influências de André Breton e Jack Kerouac, que fui incorporando às que já vinha recebendo de autores como Ezra Pound, Ernesto Cardenal e os brasileiros Thiago de Mello e João Cabral de Melo Neto. Aliás, criei uma epígrafe juntando Thiago de Mello e Ernesto Cardenal: “Faz escuro, mas eu canto, porque a poesia é necessária.”



ALFREDO DE OLIVEIRA
& RENATO ALVES

NAÇÃO DAS ÁGUAS



MEMÓRIAS DOS ENCONTROS
NAS CALÇADAS

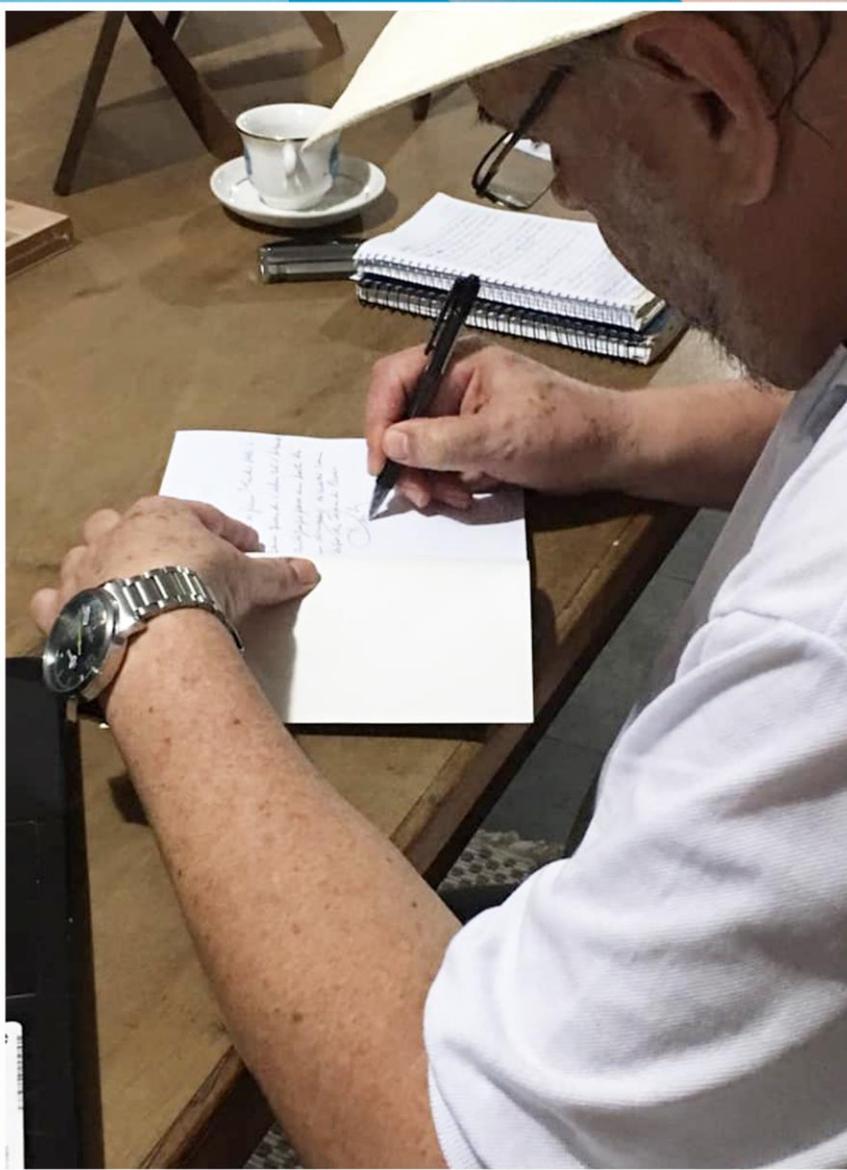
Seus livros frequentemente trazem histórias de pessoas comuns e momentos cotidianos. De que forma você acredita que isso ressoa nos leitores?

Costumo construir as narrativas o mais fielmente possível aos fatos que vivenciei, apesar de concordar cem por cento com o Pedro Nava quando ele diz: “ser memorialista é ter um pé na História e outro na ficção”. Tudo o que conto nos livros são fatos e momentos que vivi. Acredito que isso, além de despertar recordações afetivas nos leitores, acaba se tornando um divertimento. Afinal, as lembranças de amigos de infância e de situações cotidianas – como as reuniões para comer, beber e conversar – são experiências comuns e de interesse geral.

Em “Nação das Águas”, você menciona ter concluído uma tarefa pessoal. Fale sobre o processo de resgatar e organizar as memórias de Quatis.

Quando, em 2019, propus ao Alfredo escrever a quatro mãos o “Nação das Águas”, já havia registrado boa parte das histórias – muitas delas sem relação direta com Quatis. Daí a menção que fiz à conclusão de uma tarefa pessoal: a de ter esgotado o arquivo das minhas memórias. Nada melhor do que fazê-lo do jeito que foi – ao lado de um amigo querido e com o resgate de casos que ainda esperavam por mãos que os eternizassem em livro.





Nada foi mais fácil do que escrever a quatro mãos com o Alfredo. (...) Nossa amizade, nascida lá atrás, sobreviveu ao tempo e se transformou em um projeto comum de memória.

Como você e o Alfredo dividiram o trabalho? Algum episódio foi mais desafiador de registrar?

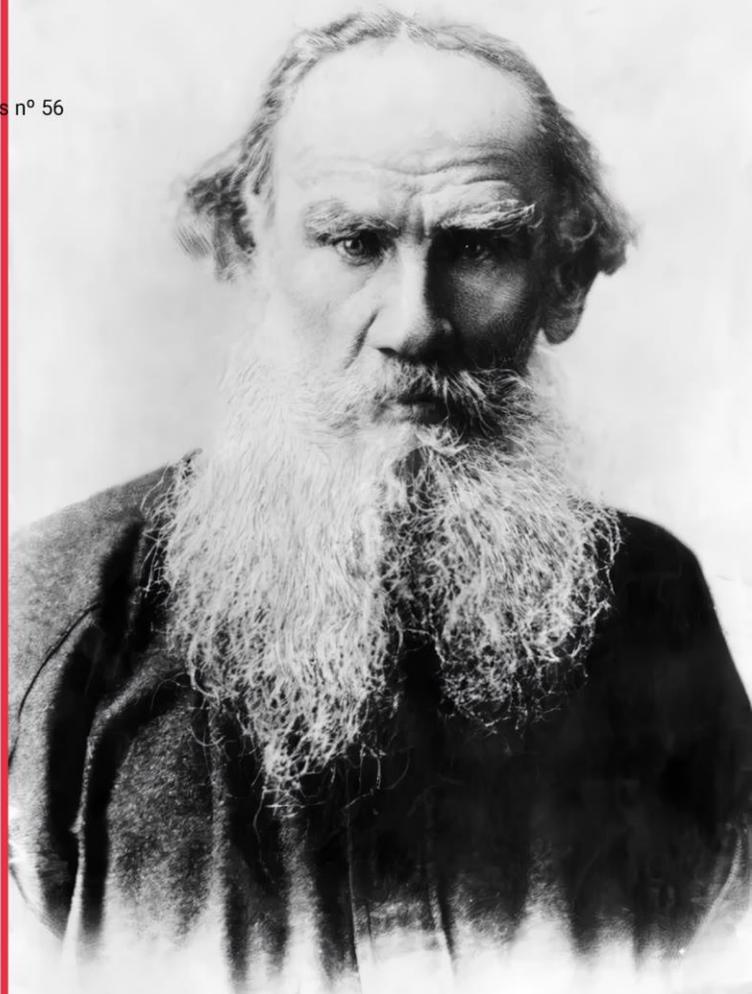
O Alfredo e eu começamos do mesmo jeito: gostando dos mesmos escritores, frequentando os mesmos lugares, criando um laço afetivo que tivemos de desatar na adolescência devido à luta pelo pão de cada dia. Cada um seguiu seu caminho, até que nos reencontramos em 2019 com a missão de escrever a biografia de Quatis, atrelada à saga dos meninos nascidos nos anos 1950 e 1960. Nada foi mais fácil do que escrever a quatro mãos com o Alfredo. Trocamos cerca de trezentos *e-mails* com a ida e vinda dos casos – e quase não houve discordâncias. Digo *e-mails* porque não uso celular.

No livro, as amizades, as experiências do passado e a solidariedade têm um papel central. Fale um pouco sobre isso.

A Quatis dos anos 1960, retratada em “Nação das Águas”, é um lugar onde a solidariedade acontecia de forma natural, no cotidiano. Foi ali que fiz amizades que moldaram meu olhar sobre a vida e inspiraram muitas das histórias que escrevo. E esse espírito coletivo seguiu vivo por muito tempo. Um exemplo marcante, já anos depois, foi em 1981, quando a cidade se mobilizou para organizar *shows* que marcaram a vida cultural local. Jovens e adultos se uniram com um mesmo propósito – trazer arte e alegria a Quatis. O espírito solidário da juventude foi também o que fortaleceu minha parceria com o Alfredo, com quem dividi a escrita em “Nação das Águas”. Nossa amizade, nascida lá atrás, sobreviveu ao tempo e se transformou em um projeto comum de memória.



**Sigo o ensinamento
de Tolstói: 'Se queres
ser universal, começa
por pintar a tua aldeia.'**



Seus livros abordam temas profundamente pessoais e ao mesmo tempo universais. Durante a escrita, você se preocupa mais em ser fiel às suas memórias ou em construir uma narrativa que dialogue com o público?

Sigo o ensinamento de Tolstói: “Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.” Nada mais universal do que sua casa, seus rios, sua cidade, seus amigos, que é o que todas as pessoas têm em comum.

Existe algum outro gênero ou tema que você gostaria de explorar em projetos futuros?

Tenho me dedicado à criação de conteúdo para a in-

ternet, com poemas que abordam temas contemporâneos como o combate ao racismo, à misoginia, à violência urbana; e que atentam para as mudanças climáticas.

Gostaria de mencionar obras e artistas que o influenciaram?

Entre todos os gêneros, a obra que mais me agrada é “Os sertões”, de Euclides da Cunha. Na poesia, tenho dezenas de autores de cabeceira. Vou citar dois: Augusto dos Anjos e Fernando Pessoa. Também vale mencionar que nunca deixo de consultar Machado de Assis quando uma história exige um final bem construído. ■



ARTE: WILL SANTOS



<https://www.youtube.com/PodLetras>

LIVES TODAS AS TERÇAS E QUINTAS
ÀS 20H NO YOUTUBE E NA TWITCH

PodLetras

O PodLetras – canal formado pelos escritores César Costa, Marlos Quintanilha e Will Santos – é feito para pessoas que curtem arte, especialmente literatura. Cada programa apresenta um bate-papo descontraído com um convidado interessante, oferecendo uma experiência enriquecedora para o espectador.

poesia

ACONCHEGO

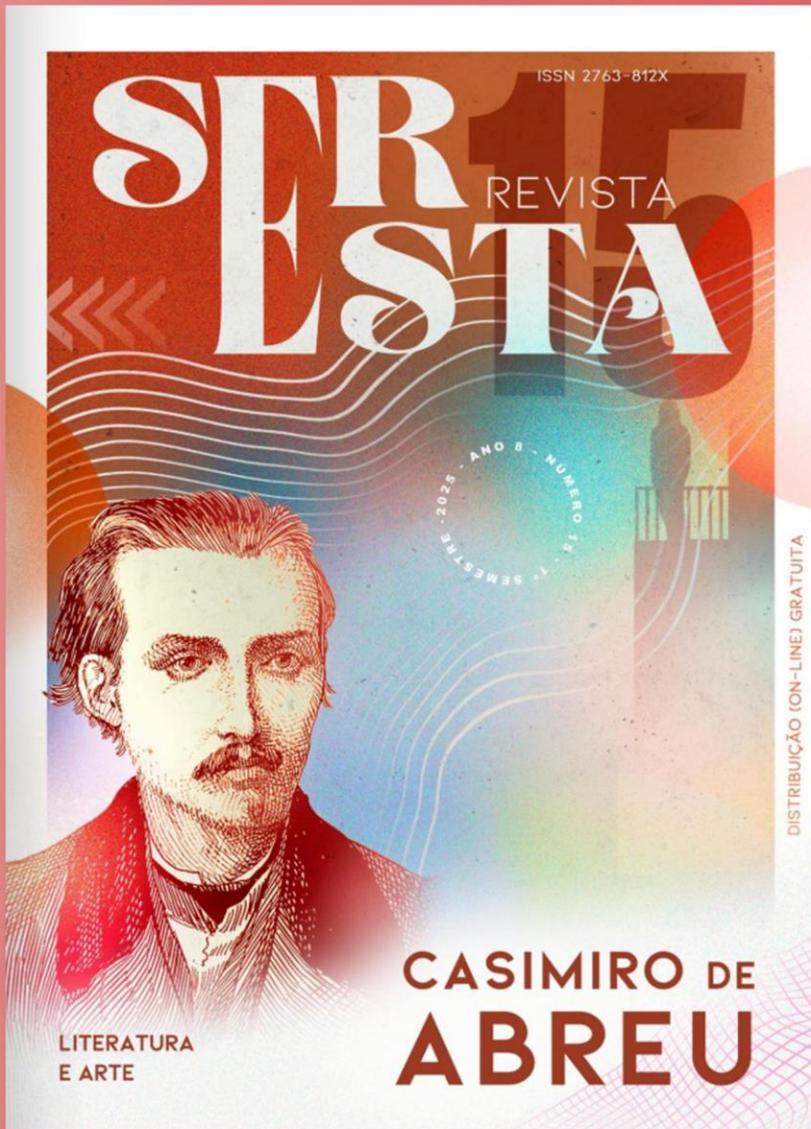
**Para você guardei
Lençóis cheirosos de sol
Escalda-pés
Café
Com broa de fubá
Massagem
Com óleo de jasmim
Guardei a mim
Feito prenda
Com camisola de seda
Entremeada de renda**



CLÁUDIA CARDOSO

Mineira de Belo Horizonte, é formada em Administração de Empresas pela PUC/MG. Em 2019, publicou “Mulher pelo avesso” (Armazém de Ideias). Em 2011, participou de “Cronicidades” (InCult). Colaborou na publicação das obras coletivas “Os filhos do dragão cospem fogo” (2012) e “Ao intento do vento – poesia nas montanhas de Minas” (2021 – Academia Mineira de Belas Artes).





DISTRIBUIÇÃO (ON-LINE) GRATUITA



Cada número da SerEsta escolhe um autor consagrado como fio condutor temático, e a partir de sua obra são construídos o editorial, os poemas, os textos e até mesmo as entrevistas. A reverência à tradição literária convive com a liberdade criativa contemporânea.

A REVISTA SERESTA É UM EXEMPLO de como a literatura pode florescer em espaços colaborativos, acessíveis e afetivos. Surgida a partir de um projeto escolar em 2017, quando escritores, ilustradores e fotógrafos amadores se reuniram para criar uma antologia ilustrada, a revista foi se consolidando como uma iniciativa cultural que une criação artística e reflexão literária. Desde então, transformou-se em um espaço semestral gratuito e virtual, onde autores diversos, novos e experientes, compartilham sua arte por meio de textos, imagens e entrevistas que se entrelaçam em torno de uma proposta incomum: cada edição homenageia um autor clássico da literatura brasileira.

Essa homenagem não é apenas estética ou superficial, mas profundamente integrada à estrutura conceitual da revista. Cada número da SerEsta escolhe

Uma
JORNADA
entre
CLÁSSICOS
e
NOVAS
VOZES

Igreja de São João (hoje pertencente ao distrito de São João da Barra, município de Casimiro de Abreu/RJ), local de batismo e sepultamento do poeta.



um autor consagrado como fio condutor temático, e a partir de sua obra são construídos o editorial, os poemas, os textos e até mesmo as entrevistas. A reverência à tradição literária convive com a liberdade criativa contemporânea. [Na recém-lançada edição nº 15](#), por exemplo, o homenageado foi Casimiro de Abreu. Representante do romantismo brasileiro, Casimiro aparece no editorial como símbolo da saudade, da transitoriedade e da inspiração poética. Mesmo só tendo vivido até os 21 anos, foi imortalizado pela sensibilidade com que tratou temas como a infância, a pátria e o amor idealizado. Aos olhos da SerEsta, esse reconhecido poeta é mais que um objeto de estudo – é uma chama sensível que ainda inspira

os trabalhos dos colaboradores da revista.

Nós (Sergio e Luzia) participamos da edição nº 15 como entrevistados; e foi muito interessante perceber como as perguntas dialogam de modo sutil e engenhoso com o universo de Casimiro de Abreu. Só para exemplificar: a primeira cita o poema “A Rosa” para provocar uma reflexão sobre as fontes de inspiração na criação literária. Nas respostas que demos a essa e outras questões lindamente formuladas, tentamos tratar de aspectos pessoais e artísticos dialogando diretamente com os valores que a SerEsta cultiva: a beleza singela, a força das lembranças, a valorização da infância e da emoção pura – traços marcantes no romantismo de Casimiro.

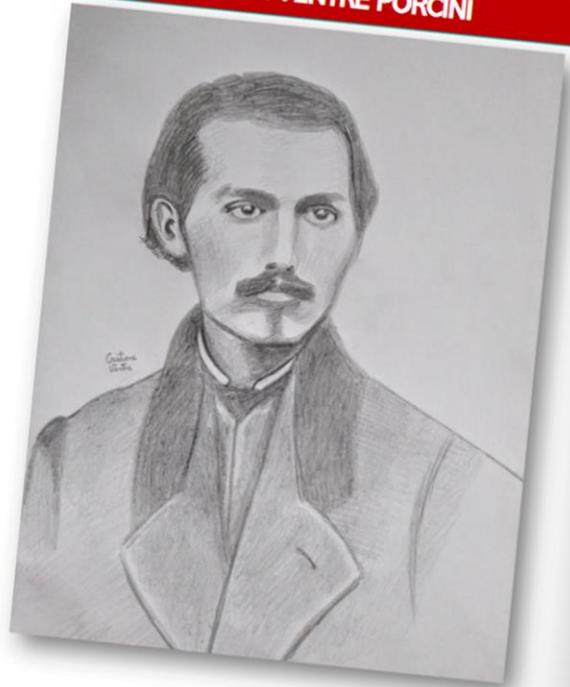




Em um tempo em que a cultura tantas vezes é tratada como produto efêmero ou instrumento de agenda, a SerEsta nos lembra que literatura é permanência, é diálogo, é ponte – entre gerações, entre estilos, entre sensibilidades.

SER
ESTA

CRISTIANE VENTRE PORCINI



Fonte de inspiração
Biografia de Casimiro de Abreu

Era um
ainda
acarici
de um
naquela
tocar. A
passo. E
ele con
misterios
como os
consequi
chamava
pedras, e
sempre ca
como se j
impossível
espera. Ca
ousava rev
pois sentia
consumia o
queimava co
como a ma
sempre, na
naquela tard
quem o leu,
legado de a
memória dos
efêmero e, ao

SER
ESTA

FABIO AIOLFI



Fonte de inspiração
MEUS OITO ANOS – Casimiro de Abreu

SER
ESTA

GISELA PEÇANHA

TUDO É TEU

A bela frente, de ti, adorada
Roubou-me o amor que em mim nasceu
Fez dele barco, que me levou para longe
De mim mesmo, sem estrelas nem Deus.

Se vais embora, não me resta nada
Pois tudo é o pouco, e parco sou eu
Se ri teu riso, e chorei teu pranto
Eu fui seu mudo, e tua voz, meu céu.

Bebo tuas lágrimas, beijo teus pés
Pincelo a lua, em tua alva tez
Sou todo teu, neste amor tão louco
Mas teu amar, por mim, é o pouco.

Quem sabe quando, teus olhos me vejam
No dia de um derradeiro adeus
Irás partir numa nuvem chumbo
Banhada, em tempestade e véus.

Lá embaixo, em minha nau à deriva
Sugarei, as nuvens derretidas
Guardando, de ti, o sabor
Do nada... desgosto de amor.

Fonte de inspiração
CANTO DE AMOR – Casimiro de Abreu

A SerEsta, portanto, vai muito além de um repositório de textos literários. Ela é uma celebração da criação compartilhada, um tributo à arte que transforma e une. A escolha de homenagear grandes nomes da literatura em cada edição não se limita a rever o passado: é uma forma de convocar o presente, de iluminar os autores contemporâneos com a fagulha dos mestres que os antecederam. E tudo isso é feito com simplicidade e generosidade intelectual. A revista acolhe, incentiva e divulga, mantendo-se gratuita e acessível, o que reforça ainda mais seu valor no cená-

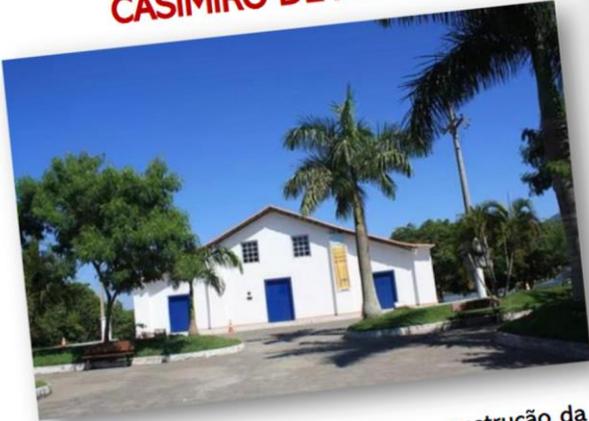
rio das publicações independentes. Ao dedicarmos esta matéria à SerEsta, reconhecemos o seu trabalho consistente e sensível; e a afinidade entre nossos projetos. Em um tempo em que a cultura tantas vezes é tratada como produto efêmero ou instrumento de agenda, a SerEsta nos lembra que literatura é permanência, é diálogo, é ponte – entre gerações, entre estilos, entre sensibilidades. E que, como bem mostrou Casimiro de Abreu, um poema pode atravessar o tempo e ainda encontrar eco em cada leitor que se permita sentir.



**(...) um poema
pode atravessar
o tempo e ainda
encontrar eco em
cada leitor que se
permita sentir.**

SR
ESTA

MUSEU CASA DE CASIMIRO DE ABREU



Não existe uma data precisa para a construção da casa de Casimiro de Abreu, mas possivelmente tenha ocorrido entre 1833 e 1834, quando o pai de Casimiro de Abreu veio fixar residência na região.



<https://culturacasimiro.rj.gov.br/info/museu-casa-de-casimiro-de-abreu/#>

114

SR
ESTA



Estátua de Casimiro de Abreu no jardim do Museu.



Vista aérea do Museu Casa de Casimiro de Abreu.

115

SR
ESTA

TONI CORREA



Fonte de inspiração
POESIA E AMOR, CANÇÃO DO EXÍLIO, MINH'ALMA É TRISTE,
BÁLSAMO – Casimiro de Abreu
(RELEITURA)

62

SR
ESTA

TONI CORREA

ODES DE UM HOMEM

Não subestimes os meus suspiros. Quando eles respingarem em ti certamente saberás mais da minha comoção. Criar uma vida sem intenção (poderia Deus fazê-lo?). Uma liberdade que pouco vale, se soltar do mundo e estar em pleno ar

A relva, que deixaste amassada por aspirações, age como um tapete de retalhos nossos...

Escarlate, ocre a oscilar. Pelas grutas da memória escorre algo agridoce, contraditório, estimulante e dos trovões nasce qualquer coisa nesse sentimento aéreo – Inventei, "passareio"

Céu, és inacessível a uns da forma que outros o veem
Por, quase fim, lhe digo, romântico cigano sou

À Natureza, minha ode, a Deus, meu pranto generoso, a ti, meus versos recheados de baunilha

Falo que minh'alma procura tua doçura em nada por dias e noites
Os ares que não passam na vida mundana de qualquer sociedade profana
De Natureza esgotada, de traços aprisionados em estratégias bolados
Para por fim, eu te revelar que escravo teu não seria, mas, sim, fiel depositário do teu amor

Debalde, o tempo guardará tudo na gaveta das lembranças e assim é passageira a tristeza.

Relance por relance volto a vislumbrar as mesmas páginas, versos, letras e, assim, o que é passageiro volta para visitar-me sempre.

Fonte de inspiração
POESIA E AMOR, CANÇÃO DO EXÍLIO, MINH'ALMA É TRISTE,
BÁLSAMO – Casimiro de Abreu

63

Para finalizar (e para deixarmos uma pequena amostra da entrevista), colocaremos abaixo nossas respostas à última pergunta, que traduzem como a literatura pode permear nossas histórias pessoais e gerar conexões tão inesperadas quanto verdadeiras:

Sergio: (...) gostaria de falar, de alguma forma, sobre Casimiro de Abreu. Desde 1973, quando ainda era criança, frequento a região no estado do Rio de Janeiro que leva o nome do poeta. Minha família tem casa em Rio das Ostras, que integrou o município de Casimiro de Abreu até 1992. Bem ao lado está Barra de São João, até hoje um distrito litorâneo de Casimiro. Nesse lugar aprazível nasceu o poeta; e lá está sua casa, atualmente um museu. O imóvel fica em frente à praça principal da “cidade”, na rua Bernardo Gomes, que margeia o rio São João. Essa rua tem uma atmosfera especial, com casas coloniais entremeadas a construções mais recentes. Gosto tanto do lugar, que o usei como inspiração para criar a rua do Pedral, cenário de um romance ainda inédito. Entre o calçamento de paralelepípedos e o rio, há uma área verde muito agradável, ideal para conversas e piqueniques – um espaço que convida à convivência e respira cultura.

Minha mensagem aos leitores da SerEsta: se tiverem a chance, visitem Barra de São João. Conheçam suas praias, seu casario, suas praças e, especialmente, o museu dedicado a Casimiro de Abreu, onde objetos pessoais e fragmentos de poesias ajudam a manter viva a memória do poeta.

Luzia: Agradeço muito o convite da SerEsta. Foi uma alegria participar desta entrevista e refletir sobre a importância da literatura em minha vida. Não sou escritora, mas os livros sempre foram meus companheiros mais fiéis. Leio com paixão desde a infância, e acredito profundamente na força da palavra. Como fonoaudióloga, os livros infantis sempre foram aliados no meu trabalho com as crianças. E, como editora, é uma grande satisfação ajudar a levar novas histórias ao mundo – quem sabe, histórias que também serão especiais para outros leitores, como tantas foram (e são) para mim. Parabenizo a SerEsta por esse trabalho tão bonito de levar literatura às pessoas, conectando leitores e autores. Minha mensagem é: leiam, compartilhem leituras, cultivem o vínculo com os livros. A literatura pode ser abrigo, estímulo e descoberta, tudo ao mesmo tempo.



SER
ESTA

**ENTREVISTA COM
SERGIO CARMACH E LUZIA BARBOSA,
EDITORES DA
REVISTA VERLIDELAS**



Todas as fotografias:
arquivo pessoal de Sergio e de Luzia.

72

SER
ESTA

Revista SerEsta : Casimiro de Abreu, nobre poeta romântico, exaltava as flores em diversos poemas seus como em A ROSA, onde se lê:

"Como ostentas sedução!

Oh! como és linda e formosa,

Como és bela e caprichosa,

Minha florinha mimosa."

Sergio e Luzia, existe algo que os inspira na produção de seus textos?

Sergio : A inspiração é um fenômeno enigmático. Ela pode surgir de onde se espera – ou dos lugares mais improváveis. Brota do ócio, de situações difíceis, de paixões, de obras de outros artistas e até mesmo de algo trivial, como uma simples flor. Certa vez, por exemplo, notei no nome de uma espécie um anagrama quase perfeito de um sentimento que eu carregava. Dessa coincidência nasceu uma poesia, que mais tarde se tornaria o fio condutor de um romance inteiro. A inspiração também costuma se apresentar – e com frequência – em instantes de reflexão, tristeza ou contrariedade; a inquietude, inclusive a filosófica, é um gatilho criativo melhor que o

73

SER
ESTA

acabou sendo publicado. Aliás, o título foi ideia dela. Em 2017, decidimos fundar uma editora para dar oportunidade a autores independentes como eu de publicarem seus livros sem pagar, mas com a responsabilidade de vender exemplares para custear a produção.

Luzia : Nós nos conhecemos no local onde eu trabalhava como fonoaudióloga. O Sergio foi até lá para produzir um vídeo no qual eu era a apresentadora. Começamos a conversar e descobrimos que tínhamos interesses em comum. Embora eu não escreva livros, sempre acreditei no poder das palavras e na importância da literatura. Acompanhar o Sergio em seus projetos literários e editoriais me fez compreender ainda mais esse universo. Participo com sugestões, opiniões sinceras, leitura atenta – e, acima de tudo, com apoio. Nosso vínculo afetivo se desdobra em uma parceria intelectual. Talvez seja este o segredo da nossa caminhada conjunta: a soma das di-

78

SER
ESTA

ferenças, aliada ao desejo comum de criar e de colaborar com quem, como nós, acredita que a literatura pode transformar.



79

se você gosta de **blogs literários...**

Alegria de Viver e Amar o que é bom



[Página inicial](#)

[Equipe](#)

[Contato](#)

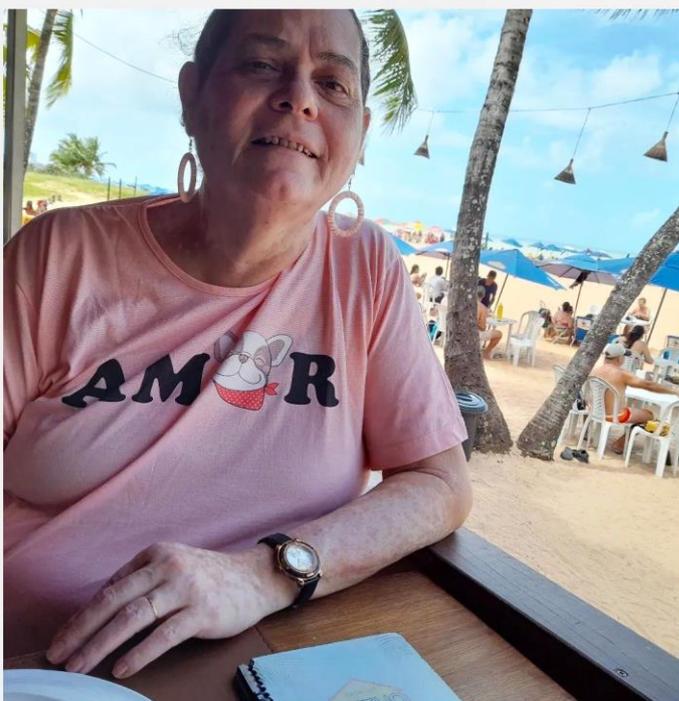
[Parceria](#)

[Sorteio](#)

[Resenhas](#)

[Selinhos](#)

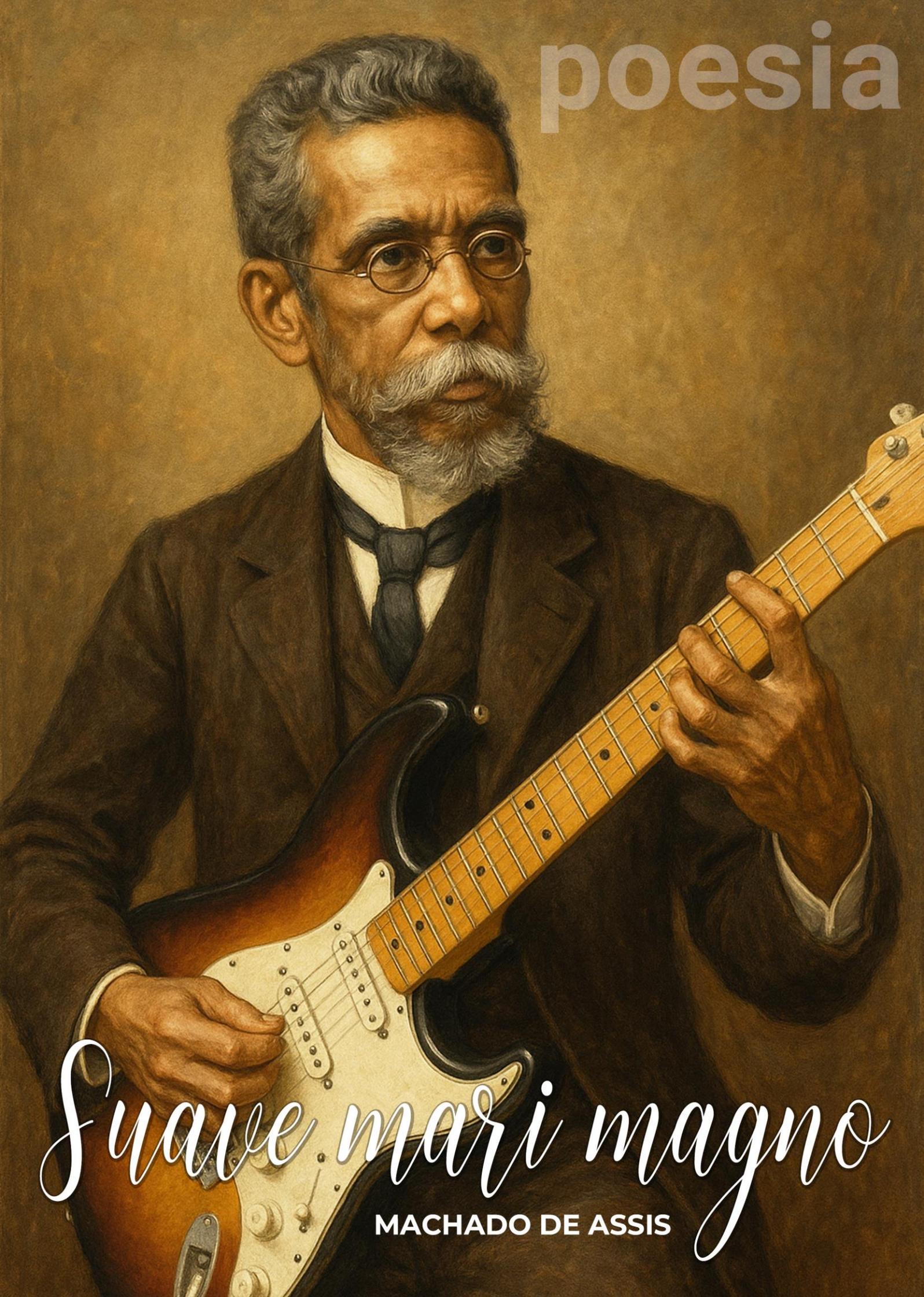
de
Rudynalva Soares



Psicóloga de formação, bancária de profissão (agora aposentada), leitora por opção e blogueira de coração. Bem eclética, vive em aprendizado constante. Faz da felicidade o seu objetivo de vida; e é isso o que divide em seu *blog*

[Conheça](#)

poesia



Suave mari magno

MACHADO DE ASSIS



O POEMA “SUAVE MARI MAGNO”, escrito por Machado de Assis e publicado em 1880 na Revista Brasileira, é uma das obras poéticas mais conhecidas do autor. Os versos retratam a cena de um cão moribundo que sofre enquanto é observado por curiosos; uma reflexão sobre dor e compaixão, temas caros a Machado, influenciado pelo pensamento filosófico de Schopenhauer. O título faz referência a uma expressão do poeta e filósofo romano Lucrecio e sugere a ideia de se presenciar sofrimentos alheios com prazer, desde que o observador esteja livre dessas aflições.

Essa carga filosófica e o impacto do poema atravessaram o tempo – e chegaram de forma surpreendente até a música popular brasileira. O Barão Vermelho, uma das principais bandas de rock do país, gravou uma versão musical do poema sob o título “Rock do cachorro

morto”. A adaptação eletrificada e percussiva do soneto aproxima a literatura clássica da cultura pop contemporânea. “Suave mari magno” permanece como um exemplo da profundidade literária de Machado de Assis, enquanto a versão do Barão Vermelho demonstra a capacidade da arte de transcender gerações e linguagens, unindo poesia e rock em uma expressão cultural rica e significativa. Que tal pesquisar mais sobre essa inusitada ponte entre o século XIX e o rock nacional dos anos 80/90?

Suave mari magno

*Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.*

*Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.*

*Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,*

*Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.*

